

Resenha

**Tio Howard e o psicanalista**  
Sobre *O sonho de Cassandra*, de Woody Allen

Clare Isabella Paine\*

Dois dos últimos filmes de Woody Allen, em sua fase londrina, têm como temas básicos ambição financeira e aquisição de status social em sua relação com os acontecimentos aleatórios. No primeiro deles, intitulado *Match point* (2005), ele apresenta o acaso interferindo positivamente no destino do protagonista. No segundo, *Cassandra's dream* (2008), de que trataremos neste texto, deixa claro que, num “evento” caído no colo alguém, a sorte dependerá de como se lida com ele.

O título do filme se refere, diretamente, ao nome que os dois protagonistas darão a um barco. Terry e Ian ambicionam comprá-lo, mas não têm dinheiro para bancar. Em seqüência posterior, ficamos sabendo que *Cassandra's dream* é, também, o nome de um desses cachorros de corrida no qual Terry, num lance de intuição, aposta e, para seu espanto, ganha! Com este dinheiro compram o tal barco e assim o nomeiam.

Na *Iliada*, de Homero, Cassandra é a filha mais bela de Priamo e Hécuba, reis de Tróia. Devota servidora de Apolo, por quem foi acolhida como sacerdotisa, foi de tal maneira dedicada que o próprio deus se apaixonou por ela e concedeu-lhe o dom da profecia em troca de unir-se a ele. Entretanto, obtido o dom, Cassandra se recusa a Apolo, não cumprindo sua parte do acordo. O deus irado vingava-se cuspidando em sua boca provocando-lhe uma chaga e condenando suas previsões à incredulidade; dota-a de uma espécie de “histeria” – fazia as previsões aos berros, sacudindo o corpo e arrancando os cabelos – o que retirava qualquer credibilidade em relação ao que previa. Ela via as desgraças se aproximando, alertava para os fatos, mas ninguém lhe dava ouvidos. É o preço que ela paga por não querer pagar o preço acordado com Apolo.

É pelo viés do “preço a pagar” que Woody Allen usa o mito em seu filme.

Vejamos a Sinopse para nos situarmos.

Ian e Terry Blaine são filhos de um casal de classe média de Londres. Seu pai é um homem já nos sessenta anos, abatido e angustiado, no pós-operatório de um enfarte, afligido também por uma úlcera e por um negócio que vai mal. É também atormentado pela mulher cujo irmão, TIO HOWARD, é

\* Psicanalista. Membro da UniverCidadeDeDeus (NovaMente).

um vitorioso. Este, por seus próprios meios, se formou em Medicina e é proprietário de várias Clínicas de Cirurgia Plástica pelo mundo. Tio Howard, pelo relato freqüente da mãe, ajudou-os a comprar a casa onde moram, a montar o restaurante que possuem, e sempre os salva nos apertos de qualquer espécie.

Ian, mais do que Terry, tem uma relação de admiração pelo tio em quem se espelha. Ele é o mais inteligente dos dois, finge ter mais do que tem, está sempre ansioso e sonha com grandes negócios que nunca dão certo. Neste momento tenta entrar no ramo de hotéis na Califórnia. Por acaso, conhece uma atriz meio “putinha” e igualmente ambiciosa por quem se apaixona.

Terry é mecânico e viciado em jogo. Ganha 30.000 libras num dia, no outro perde os 30 mais 90.000 mil. A adrenalina maior vem quando está na aposta perdedora, como qualquer jogador viciado. Namora firme uma jovem do bairro e de seu sotaque.

Chega o aniversário da mãe dos dois protagonistas e eis que tio Howard desembarca da China, fazendo declarações de amor familiar. Os dois rapazes aproveitam a ocasião e pedem dinheiro emprestado ao tio, o qual se dispõe a fazê-lo com a condição de que eles matem Martin Burns, pois este está a par de falcatruas que Howard foi obrigado a fazer para enriquecer. Se Martin Burns não desaparecer, ele irá pra cadeia para o resto da vida. “E isto não interessa a nenhum de nós três, não é?”

Terry, automaticamente, se recusa a executar o pedido de Howard. “Matar eu não mato. Não posso ultrapassar o limite último. É a lei de Deus. Não posso infringi-la”. O tio retruca: “Então, não há dinheiro algum”. Os dois pedem tempo para pensar.

Ao contrário do irmão, Ian fica tentado. Tendo bastante ascendência sobre Terry consegue convencê-lo. “Que Deus que nada! Que história é essa de Deus? Então, homens não vão para guerras, matam montes de inocentes para o lucro de um bando de corruptos que estão no poder? Nesta hora ninguém fala nada...” Ir pra cadeia é pior que morrer. Além do mais, isto seria um desastre. Como a família viveria sem tio Howard?

Terry, relutante todo o tempo, arrastado pela argumentação e ascendência de Ian, finalmente cede. É ele que fabrica duas armas, bola o plano todo e, num golpe de sorte, sem que haja testemunhas, os dois matam Martin Burns.

O tio cumpre sua palavra.

Ian com o dinheiro paga uma quantia que roubara do pai, para evitar que Terry fosse arrebatado pelos agiotas e parceiros do poker. Mas, aos poucos, Terry atormentado pela culpa se descontrola fortemente. Fala sozinho o dia inteiro. Não dorme. Visivelmente entra num surto e, num belo dia, ameaça se entregar à polícia.

Ian avisa ao tio o que está acontecendo.

Tio Howard não titubeia. “Temos que eliminar Terry.” Ian, apavorado com esta perspectiva diz: “Mas é meu irmão. Não posso matá-lo. É minha família!”

Não há saída. Ou os três irão para a cadeia ou eles dois se safam com a morte de Terry.

Finalmente Ian aquiesce, mas na hora de executar o irmão entra em conflito e não consegue. Os dois estão no barco. Ele voa para cima de Terry, aos gritos, inquirindo-o por que não esquece a culpa, por que não esquece o acontecido!? Os dois se atacam. Terry, fisicamente mais forte, o empurra com violência. Ian, na queda, bate com a cabeça e tem morte instantânea.

Terry se suicida.

Tio Howard continua sua trajetória de sorte...

### Tio Howard e o Psicanalista

Há algumas semelhanças e uma **abissal diferença** entre o personagem de Woody Allen, Tio Howard, e a **função** do Analista. Tio Howard é um típico personagem do séc. XXI, século este que se vê cada vez mais invadido por parâmetros do Quarto Império (Magno [1994]). Está bem que ele seja agraciado pelos acontecimentos e pela roda da fortuna, mas este não é seu único mérito. Antes de mais nada, ele não é subjugado pelos valores da cultura jurídica. Sabe que o Jurídico é uma fábrica de crimes. Ele é um cínico contemporâneo: olha o mundo *como se estivesse* o tempo todo referido ao ponto de Real (do Revirão) (Magno [1992]). Não julga com os valores da cultura comum. Está disponível aos acontecimentos e age de maneira *ad hoc*, aproveitando as situações conforme se apresentam, *a seu favor*, para salvar sua pele. É um grande manipulador. Por exemplo: não vem a Londres para o aniversário da irmã, e sim para resolver uma questão vital. Entretanto, fez todo o discurso conveniente para a ocasião. “Vocês são minha família; os laços de sangue...”

Se a sorte coloca em seu colo aqueles dois sobrinhos pilantras, precisando de dinheiro, empréstimo a fundo perdido, por que não usá-los para resolver sua questão? Mas tudo tem seu preço. O filme o descreve como um homem generoso. Mas, generosidade tem hora. Neste ponto, ele faz uma nítida *equivalência* entre a compulsão de jogo de Terry, a ambição de Ian e o assassinato de seu desafeto. Se vai dar o dinheiro para a inadimplência dos dois, que eles paguem atendendo a seu pedido. Entre o fulano que quer metê-lo na cadeia e a própria vida, por que escolher a cadeia? Deu muito duro para chegar aonde chegou. Ele é uma autoridade e sabe disso. Foi empurrado pelas circunstâncias, e pelo jogo do mundo, a fazer o que fez... Sobretudo, não é covarde. Suas atitudes mostram-no como alguém que se discrimina da cultura em que vive, não é alienado a ela. Tem um exercício de suspensão e suspeição e com isso vai avaliando os lances que tem que dar. Sua posição para com o mundo jurídico e a cultura em geral é *indiferenciante* e é isto que o salva da cadeia.

Ele pode ter vergonha por sua inadimplência nos negócios, as falcatruas etc., tanto

que não as menciona, mas não tem a culpa dos que são afetados por uma Morfose Estacionária (Magno [2003]: 77-92) grave, como Ian e Terry – usina de autopunição.

MD Magno, em ([2005]: 180-184), trata da culpa e da vergonha como efeitos da quebra da simetria Originária. Por nossa inadimplência de não atingir o Impossível Absoluto, estas afetações estarão sempre disponíveis em todas as quebras de simetria decadentes. *Culpa e vergonha não são, em princípio, anedóticas*. São disponibilidades por conta da quebra de potência e o sentimento de inadimplência conseqüente. Sou inadimplente e envergonhado por não ter competência de atingir o Impossível Absoluto. Sou inadimplente e culpado por desejar o Impossível Absoluto. Se não estabelecermos um lugar onde culpa e vergonha se disponibilizam sem conteúdo, jamais resolveremos os problemas dos níveis cá de baixo, em que lidamos com isso conteudizado. O Impossível Absoluto já é punição suficiente.

Esta punição é rebatida e reproduzida nos conteúdos da cultura. Quem nomeia o crime e inventa os castigos? As leis. E nos jogos do mundo *culpa e vergonha se tornam anedóticas*. O início da psicanálise, com Freud, deu muito material sobre a ligação do sentimento de culpa ao Complexo de Édipo (Magno [2005]: 179-183) – temos aí o caudal da cultura greco-judáico-cristã. Os campos jurídico, político, pedagógico e religioso, entre outros, se espojam no uso dessas nossas disponibilidades fundamentais (culpa e vergonha), com a finalidade de dominar os que a eles se alienam. Uma coisa é *usar* esses campos, outra, bem diferente, é estar *subjugado* a eles. Os conflitos pulsionais, dependentes da rede recalçada, são, em grande parte, os geradores dos sentimentos de culpa e vergonha.

Terry, pela crença no Jurídico, em Deus, na Igreja e seus mandamentos, enlouquece de culpa e acaba se suicidando. Não só se pune como quer ser agente da punição do tio. É o mais estacionário dos dois e, também, o mais violento sem se dar conta. É ele que fabrica as armas, dá o primeiro tiro, “sem querer” mata o irmão e é o grande acusador do tio Howard, sem mesmo saber o que ele havia feito.

Ian sabe da babaquice das Igrejas e suas perversidades, da mesma perversidade do Jurídico, da intrínseca violência humana, mas é totalmente subjugado pela crença nos valores familiares e amorosos. Ele pode perfeitamente matar um desconhecido, mas não o irmão. É refém da dimensão *Amor Fraterno*. Morre por isso. Queria ser um Howard, mas não tinha competência para tal.

Temos aí a questão do “custo freudiano”. Tal como Cassandra, Terry e Ian pagaram em dobro por não conseguirem pagar o preço acordado com o tio.

Dentro do campo político, guardando diferenças, mas semelhante a tio Howard, temos o tio Sam. Ignorando as resoluções do Conselho de Segurança da ONU, os EUA

e seus aliados invadem o Iraque em 2003 “ancorados” num festival de mentiras. Coisas típicas da oscilação de que sofre o Quarto Império. Os dois são capazes de usar de um simulacro de indiferenciação apenas *a favor de seus próprios interesses* e não importa a que preço.

O que diferencia tio Howard do Analista NovaMente? Howard usa a *indiferença* em prol de sua *diferença*, *i.e.*, *de seus interesses pessoais*. Age teleguiado por uma Morfose Progressiva. O Analista NovaMente, tendo como referência a *HiperDeterminação*, usa a Indiferenciação em prol da indiferenciação (de conteúdos), o que lhe dá possibilidade de intervir de maneira mais eficaz (Clínica Geral). E não só a favor de seus interesses pessoais, os quais pode suspender, se for o caso. Na *função* Analista, está interessado na tentativa de dissolução das Morfoses e em promover o **movimento progressivo**.

Essa neutralidade ou Indiferenciação o deixa solto para intervir *ad hoc* na tentativa de suspensão dos recalques e disponibilidade para algum *Revirão*. Referido à HiperDeterminação, o Analista está afastado do “mundo”, e não alienado aos padrões da cultura, pois o ponto de **REAL** (do esquema do Revirão) lhe serve de bússola.

### Referências

- MAGNO, MD. [2005] *Clavis Universalis. Da Cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007.
- \_\_\_\_\_. [2003] *Ars Gaudendi. A Arte do Gozo*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006.
- \_\_\_\_\_. [2000/2001] *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003.
- \_\_\_\_\_. [1994] *Velut Luna. A Clínica Geral da Nova Psicanálise*. 2.ed. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2008.
- \_\_\_\_\_. [1992] *Pedagogia Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.